



CONGRESO INTERNACIONAL DE ARTES,
EDUCACIÓN Y POSTDIGITALIDAD
Las imágenes en la enseñanza e
investigación desde la era (post)COVID-19

CONGRESSO INTERNACIONAL DE ARTES,
EDUCAÇÃO E PÓS-DIGITALIDADE.
As imagens no ensino e e pesquisa da era
(pós)COVID-19

1 al 3 de diciembre de 2021 1 a 3 de dezembro de 2021.

Sevilla 2021

**Propuesta de comunicación para ruedas de conversación | Proposta de
comunicação para rodas de conversação**

NOMBRE / NOME	Priscila
APELLIDOS / SOBRENOME	Leonel
UNIVERSIDAD O INSTITUCIÓN / UNIVERSIDADE OU INSTITUIÇÃO	UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA - UNESP
LÍNEA TEMÁTICA SELECCIONADA / LINHA TEMÁTICA SELECCIONADA	LINHA TEMÁTICA 4): O anticolonial e suas implicações para o ensino ou pesquisa nas / as artes
PREGUNTA SELECCIONADA PARA REFLEXIONAR / PERGUNTA SELECCIONADA PARA REFLEXÃO	Do ponto de vista descolonial, como questionar as referências hegemônicas no não campo das artes?
BREVE TÍTULO DE LA PROPUESTA / BREVE TÍTULO DA PROPOSTA /	O ensino de cerâmica como prática descolonial
PROPUESTA DE TEXTO (ENTRE 300 Y 400 PALABRAS) / TEXTO PROPOSTO (ENTRE 300 E 400 PALAVRAS)	Entendendo a educação como prática social e histórica, trago uma proposta discussão do ensino da cerâmica para discutir a colonialidade do saber. Observando as formas de ensino desta linguagem artística, tanto dentro da universidade, como nos ateliês de arte. As referências que recebemos, como modelo ideal de produção da cerâmica (desde a escolha da argila, forma de modelagem, acabamento, cores, esmaltes e tipos de queima) tornam questionáveis as estruturas de validação do conhecimento sobre a cerâmica brasileira. Quais os temas estão no centro e quais temas estão destinados a margem do conhecimento? E quais os paradigmas e epistemologias que tem sido reproduzido no ensino? Hoje nas universidades, nos cursos de

	<p>Artes, raramente lemos autores da América Latina ou conhecemos o trabalho de artistas latinos, pouco sabemos dos artistas indígenas ou afro-brasileiros. Cabe ressaltar que existe no Brasil uma forte tradição indígena na cerâmica e que os povos africanos, que para cá vieram escravizados, traziam um saber fazer com o barro, porém ainda conhecemos pouco dessas práticas, e quando o meio cerâmico se refere a ela, coloca sempre em um patamar abaixo.</p> <p>Costuma-se difundir um paradigma da “boa cerâmica”, que tem como referência a cerâmica do colonizador. Infelizmente, o colonizador se colocou para nós como perfeito e nós, brasileiros, nos tornamos o “outro”, o imperfeito, e acreditamos nisso durante muito tempo. Essa reprodução de discursos hierárquicos se perpetua em nossas universidades, que ainda trabalham com recortes específicos de história da arte, apresentando pesquisadores e artistas brancos, europeus ou norte americanos. Reitero a responsabilidade da Universidade em formar cidadãos não colonizados e como o ensino de cerâmica pode ser um caminho para discutir essas questões. Dirijo em minhas aulas e na pesquisa um olhar para a produção com argila nos continentes americano e africano, no período pré-colonial, ampliando referências dos alunos. Através da argila, é possível construir uma educação decolonial.</p>
--	--

SI LOS HUBIERA, OTROS /AS AUTORES/AS DE LA PROPUESTA - SE HOUVER, OUTROS/AS PROPONENTES DA PROPOSTA:

NOMBRE / NOME	
APELLIDOS / SOBRENOME	